Diário da Assembléia

Assembléia Legislativa

DECISÕES DA MESA

De 19-12-1975

Julgamento de Licitações

Homologando as adjudicações referentes às tomadas de preço abaixo descritas, na seguinte conformidade:

Tomada de Preços n. 275-75 (Proc. RG. E-12.916-75), referente ao fornecimento de conjunto duplicador gravador eletrônico, à firma Sperry Rand do Brasil S.A., no valor total de Cr$ 39.600,25;

Tomada de Preços n. 276-75 (Proc. RG. E 7729-75), relativa ao fornecimento de disjuntores e outros materiais de eletricidade, à firma Planta Comercial Ltda., no valor total de Cr$ 39.658,64;

Tomada de Preços n. 277-75 (Proc. RG. E-11.990-75), que diz respeito ao fornecimento de papel toalha rosa, com dobra tripla, à firma Lalekla. S.A. — Comércio e Indústria, no valor total de Cr$ 52.900,00;

Tomada de Preços n. 278-75, referente ao fornecimento de calculadoras eletrônicas, à firma Sharp S.A. — Equipamentos Eletrônicos, no valor total de Cr$ 65.500,00; e

Tomada de Preços n. 279-75 (Proc. RG. E-9120-75), relativa ao fornecimento de pneumáticos e de câmaras de ar: item 1, à firma Companhia Good-year do Brasil — Produtos de Borracha, no valor de Cr$ 32.292,00 e item 2 à firma Recauchutagem Douglas Ltda., no valor de Cr$ 5.025,60.

ATOS DA DIRETORIA GERAL

De 10-12-1975

Concedendo:

ao sr. Antonio dos Santos, RG. 3.490.626-SP., Oficial Legislativo, Padrão «16-A», da Tabela III — PP-QSAL., o salário-família de Cr$ 39,00 mensais, a partir de dezembro de 1975, correspondente ao 1.o dependente: Edilberto Eleno Freitas dos Santos, nascido a 16 de março de 1975;

ao sr. Alvaro Azevedo, RG. 2.544.694-SP., Oficial Legislativo, Padrão «16-E», da Tabela III — PP-QSAL. 90 dias de licença para tratamento de sua saúde, em prorrogação, a partir de 23 de dezembro de 1975, nos termos dos artigos 181, inciso I, 186 e 191, todos da Lei n. 10.261-68;

ao sr. Orlando Barbosa, RG. 5.092.729-SP., Contínuo-Porteiro, Padrão «5-E», da Tabela III — PP-QSAL., 120 dias de licença para tratamento de sua saúde, em prorrogação, a partir de 21 de dezembro de 1975, nos termos dos artigos 181, inciso I, 186 e 191, todos da Lei n. 10.261-68.

DIÁRIO DOS MUNICÍPIOS

Câmara Municipal de São Paulo

46.a SESSÃO ESPECIAL, REALIZADA EM 16 DE DEZEMBRO DE 1975

PRESIDÊNCIA do sr. Brasil Vita

SECRETÁRIO, sr. Antônio Sampaio

As dezesseis horas, com o sr. Brasil Vita na Presidência, feita a chamada, verifica-se a presença dos srs. vereadores: Alfredo Martins, Antonio Rezk, Antonio Sampaio, Aurelino de Andrade, Oliveira Laet, Celso Matsuda, David Roysen, José Bustamante, José Storópoli, Luiz Peixoto, Mario Hato, Arthur Alves Pinto, Naylor de Oliveira, Nestor Ribeiro, Osvaldo Giannotti, Oswaldo Teixeira Duarte, Paulo Rui de Oliveira, Edvaldo Varjão, Sampaio Doria e Vicente de Almeida.

O SR. PRESIDENTE — Estão presentes 21 srs. vereadores. Sob a proteção de Deus, iniciamos nossos trabalhos.

Por razões que o Planário dentro em pouco vai entender, não vamos compor a Mesa como sói acontecer nestas solenidades. Todavia, esta Presidência anuncia a presença do dr. Manoel de Figueiredo Ferraz, Presidente do Tribunal de Contas do Município; do acadêmico dr. Paulo Bonfim, representando o Desembargador José Carlos Ferreira de Oliveira, Presidente do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo; do dr. Americo Deodato da Silva Junior, representando o dr. Homero Diniz Gonçalves, Presidente do Tribunal Regional do Trabalho da Segunda Região; do dr. José Eduardo Bourroul, representando o dr. Teófilo Ribeiro de Andrade Filho, Secretário dos Negócios Internos e Jurídicos do Município; do sr. Douglas Klein, representando o dr. José Rubens Prestes Barra, Presidente do Tribunal de Alçada Criminal do Estado de São Paulo; José Carlos de Ataliba Nogueira Junior, representando o engenheiro Nelson Gomes Teixeira, Secretário de Estado dos Negócios da Fazenda; do sr. Francisco José Costa, representando o Desembargador Francisco Thomaz de Carvalho Filho, Presidente do Tribunal Regional Eleitoral do Estado de São Paulo; do dr. João Guilherme de Oliveira Costa, Procurador Municipal; do sr. José Fernando Martins, representando o dr, Rui Nogueira Martins, Presidente da Fundação Padre Anchieta; do dr. Geraldo Lobo, representando o dr. Ivan Gualberto do Couto, Conselheiro do Tribunal de Contas do Município; e do acadêmico dr. Fernando Góes.

«Paulista sou, há quatrocentos anos. Prendem-me no chão de Piratininga todas as fibras do coração, todos os imperativos raciais. A mesa em que trabalho, a tribuna que ocupo nas escolas, nos tribunais, nas assembléias políticas deitam raízes, como o leito de Ulisses, nas camadas mais profundas do solo, em que dormem para sempre os mortos de que venho. A fala provinciana, que me embalou no berço, descansada e cantada, espero ouvi-la ao despedir-me do mundo, nas orações da agonia. Só em minha terra, de minha terra, para minha terra, tenho vivido; e, incapaz de servi-la quanto devo, prezo-me de amá-la quanto posso.

Amo-a com a ingenuidade e a cegueira inseparáveis do verdadeiro amor. Em sua paisagem tranquila. Em sua gente menos sobranceira do que retraída. Pelas qualidades que lhe constroem a grandeza. Pela dignidade com que suporta a desgraça. Preocupada com as coisas essenciais. Idealista e prática, mercê da fusão harmoniosa das almas de Marta e de Maria. Ávida dos bens materiais, porque tem horror à dependência; mas igualmente ambiciosa das riquezas imperecíveis; e por isso mesmo tão ufana de suas fábricas e lavouras, como de suas escolas e de seus poetas. Faminta de progresso e respeitosa da tradição; a alcunhas braços dos cafezais de São José do Rio Pardo, o rancho de Euclides; junto às chaminés de Campinas, a mansão das andorinhas; ao pé dos arranha-céus de São Paulo, a árvore das lágrimas. A tal ponto generosa e abençoa aos forasteiros, que se um deles chega, cheio de sanhas e de prevenções, logo se esquece de combatê-la e se põe a cortejá-la escandalosamente. Tenaz como a verdade. Paciente como a Justiça. E, como a claridade, leal!

Solicita um aparte o Acadêmico Afrânio Peixoto:

Como vós amais a esse Brasil, sr. Alcântara Machado, no vosso amar a São Paulo! Tanto, que sois um retrato de vossa terra, um resumo de vossa gente. Laborioso, esforçado, inteligente, civil, polido, reservado, — sois também incansável, múltiplo disciplinado, tradicionalista, destemido, idealista, como a vossa terra, a vossa gente. Não fostes quem a definiu? «O culto do passado, o orgulho da raça, a fidelidade aos compromissos, a aversão à desordem e à indisciplina, a coragem desassombrada na afirmação dos próprios ideais, são traços característicos do espírito paulista». «Mas em São Paulo, continuais, não vicejam as preocupações subalternas do exclusivismo regional. Herdaieros daqueles soberbos «violadores de sertões e semeadores de cidades», cujo pé, «como o de um Deus, fecundava o deserto», e que, investindo heroicamente contra o desconhecido, definiram os contornos do nosso território; descendentes dos Andradas e de Feijó, a quem se deve a formação da consciência nacional, não nos esquecemos dos deveres que decorrem das nossas responsabilidades na construção da pátria comum».

José de Alcantara Machado de Oliveira, uma das mais sólidas e brilhantes culturas do nosso tempo, filho de Brasílio Machado e neto do Brigadeiro J. J. Machado de Oliveira, nascido aos 19 de outubro de 1875, intervém:

São Paulo não é apenas uma terra de fartura e de prosperidade: é para todos aqueles que trabalham conosco, pela grandeza do Brasil, uma terra de hospitalidade e de justiça.

Completa o interpelante, Acadêmico Afrânio Peixoto:

E que São Paulo é o melhor do Brasil. Cale-se a emulação de irmãos menores que o cercam, é o primeiro, e a ele cabe devidamente guiar a família. Porque em São Paulo começou o Brasil, civilizado e civil.

O historiador, jurista, professor parlamentar Alcântara Machado, professor catedrático, vice-diretor e diretor da Faculdade de Direito de São Paulo, continua:

O nome varonil que no batismo recebeu dos jesuitas anuncia-lhe a predestinação radiosa. Nas primeiras palavras de São Paulo, depois de siderado pela graça, preluz o temperamento dinâmico daquele que, sem perda de um minuto, vai conquistar o mundo para o cristianismo: «Senhor, que devo fazer?». A vocação histórica do paulista é, como a de seu patrimônio, a ação. Talvez se envaideça demais do que tem feito. Mas a modéstia é virtude imenentemente individual e quase privati dos oradores...

O apóstolo das gentes não renuncia jamais as prerrogativas de cidadão romano. Ainda neste particular se lhe assemelha o povo que, sob a sua invocação, nasceu e cresceu no altiplano, à beira do Anhembi. Colonos e mamalucos afirmam-se desde logo «adversíssimos a todo ato servil», no conceito expressivo de Antônio de Sande. Ciosos dos foros de homens livres, não sabem viver senão dentro da ordem jurídica; e de quanto querem à liberdade estão sempre dispostos a dar o que Demóstenes chamava o testemunho da carne. Ao donatário da Capitania fala de cabeça erguida, nesta linguagem cheia de altivez e de franqueza, o senado da câmara paulistana: «Os capitães e ouvidores que Vossa Mercê manda, como os que cada quinze dias nos metem os governadores gerais, em outra coisa não entendem, nem estudam, senão como nos hão de esfolar, destruir e afrontar... e não há quem sofra tamanhos desaforos». Isso, em 1613... E, por sabê-la indômita e ingovernável senão por si mesma, alguém sugere a conveniência de ser comprada e arrasada a povoação de San Pablo».

Diz um aparteante:

Vossa Excelência é sempre ouvido com muito prazer.

Alcântara Machado completa:

Cada um de vós poderá sem esforço reconhecer a própria gente no retrato, enfeitado certamente pela piedade filial, que da minha acabo de esboçar. Plasmadas com diferenças mais ou menos sensíveis de dosagem nas mesmas substâncias étnicas, vinculadas pela comunhão das aspirações e dos sofrimentos, as nossas populações têm aquela parecença íntima e a diversidade aparente, que é o cimento melhor da unidade política.

O Acadêmico Cândido Mota Filho dirige-se à assistência:

Com esse caráter de traços precisos, Alcântara Machado ia impondo o selo indelével de sua personalidade, a todas as suas obras e a todos os seus atos. Só os que tiveram o ensejo de vê-lo trabalhar é que podem compreender, que aquilo que produzia era sempre um ofertório da sua vida, um ato de devoção feito com aquela «intemerata sinceridade» de que fala Mauriac.

Assim, quem escrever a sua biografia, não encontrará o jurista Alcântara Machado, mas Alcântara Machado, como jurista; não estudará o político Alcântara Machado, mas Alcântara Machado, como político; não divisará o escritor Alcântara Machado, mas Alcântara Machado, como escritor. Havia uma unidade constante, dominando a sua curiosidade multifária.

Numa oração impetuosa e galharda, Alcântara Machado retoma a palavra:

Amar é compreender; e assim não pode amar de verdade a sua terra, quem não lhe saiba o passado. Como há de prezar uma obra aquele que desconhece quanto custou os suores e vigílias, em sofrimentos e sacrifícios aos operários que a conceberam e a edificaram?

Nenhum povo existe que possa tirar de sua história ensinamentos mais belos, estímulos mais saudáveis, que os brasileiros e, portanto, os paulistas. Cada página de nossa história é um pergaminho de nobreza. Tinha razão Emilio Faguet, quando escreve que o radicalismo ou o extremismo é a moléstia política dos que não sabem história...

O Acadêmico Afrânio Peixoto se exalta:

É o vosso grande livro. Desde o título, desde o ofertório, à primeira página, que já diz tudo. É a epopéia evocada pelo termo mesmo da existência e seu trânsito.

Vosso amor aos vossos, Sr. Alcântara Machado, é tamanho, que fez para nós o milagre, a evocação vívida de vosso grande livro, empolgante, como um romance de aventuras, a grande aventura nacional das Bandeiras, que devassaram o Brasil, e o fizeram, na sua comprida periferia regional, como na sua larga posse continental. Exato, entretanto, como um inventário, que minucia a vida, inexoravelmente. *Dá-se conta de tudo, até de pobres* pobrezas, e um testamento-testemunha da fé como o último credo.

Esse livro é trecho de história do Brasil, o melhor da nossa história colonial, a que não se aprende nos tratados formais, escumadeira do que sobrenada, por leve ou visível, mas que não diz da vida que ferve e tumultua obscura, ignorada, aos que não sabem sentir e observar. No vosso livro é que se sente nascer e vagir o Brasil infante. O Brasil que ia ser e seria, e será o Brasil, porque nasceu e cresceu forte e digno.

Um jovem da assistência recorda-se das palavras do pai:

Homem de letras, pesquisador profundo da nossa história, Alcântara Machado publicou "Vida e Morte do Bandeirante", que lhe abriu as portas da Academia Brasileira de Letras, e de algum tempo vinha trabalhando em obra não menos importante sobre a função geo-histórico-social do Tietê, o Nilo dos bandeirantes, o grande rio da penetração brasileira.

O Acadêmico Afrânio Peixoto se exalta ainda mais:

E vós debruçais, piedoso e interessado, sobre vinte e sete tomos publicados dos autos, exumados dos cartórios e dos arquivos, que relatam, na morte, a vida dos bandeirantes... São inventários, são testamentos, mas, por entre as fórmulas tabeliôas, lá vem o espírito do tempo, neles "descarregam a consciência", dão conta da vida e dos haveres, humildes que sejam, mas exatos, retratos fiéis de almas que se preparam para o justo juízo.

E esse Brasil nascente, — com a piedade de descendente de um Antônio de Oliveira, chega em 1532 para fazê-lo, — quase em 1932, que um José de Alcântara Machado de Oliveira, engrandecido o nome pelas façanhas e pelos méritos interpostos, "paulista de quatrocentos anos", nos vem contar, num livro que há de contar, na nossa literatura histórica, livro de ciência, porque informa, e livro de arte, porque comove e exalta.

O Acadêmico Cândido Mota Filho, sob forte emoção, aproxima-se do microfone:

Alcântara Machado está aqui, conosco, como esteve sempre, nas horas de consagração e de martírio, pondo em contato as gerações que passam, através das conquistas espirituais que ficam e que fazem da tradição a garantia de um futuro de afirmações e de glória.

Ele está aqui, como esteve em 11 de Agosto de 1932, convidando os moços das trancheiras a assistir com ele, à sessão comemorativa da data acadêmica, convocando para isso, os vivos e os mortos.

Esta aqui, como esteve na sessão de 21 de Setembro de 1940, falando com alma nas mãos, apelando para os intelectuais, com o coração aflito, diante da ameaça contemporânea de ser o Brasil sacrificado um dia, pelo esbulho de seus valores espirituais, despojado de tudo quanto constitue a grandeza, a dignidade e a beleza da vida.

Abram-se os anais da antiga Câmara Municipal e anote-se o trabalho do vereador Alcântara Machado, discutindo os assuntos da cidade como se fosse um urbanista.

Alcântara Machado toma o parecer apresentado à Câmara Municipal de São Paulo, em 7 de abril de 1911 e lê:

Antes de tudo, convém fazer sentir à população que um dos seus deveres primordiais é zelar pelo asseio das ruas. Compendiando as idéias sugeridas ultimamente por diversos vereadores, o projeto que serve de fecho a este parecer, provê à defesa das ruas contra várias causas de poluição perfeitamente evitáveis: proibe a distribuição de impressos, feita a esmo, pelas ruas da cidade; determina a colocação de caixas para o depósito de papéis, cascas de frutas, etc., que os transeuntes costumam atirar ao chão, e dá outras providências para evitar os abusos de observação comum.

Em toda a parte, onde o serviço se aproxima da perfeição, a varredura das ruas começa depois de meia-noite e termina pela madrugada, de forma que, logo às primeiras horas da manhã, a "toilette" da cidade está completamente feita. Em São Paulo, a varredura tem início às 11 horas da noite em ruas de grande trânsito, e, muitas vezes, só às 9 e 10 da manhã, as carroças atulhadas de imundícies estão atravessando as ruas centrais.

Quanto ao material de varredura, todos sabem o aperfeiçoamento que lhe tem imprimido a indústria contemporânea. As 25 varredeiras mecânicas, à tração animal, de que dispõe o atual contratante, são de tipo antigo e abandonado. As varredeiras modernas têm, à frente da vassoura-escova, rampas de pulverização que umedecem o leito da rua, impedindo o levantamento de poeira. Algumas dessas máquinas (sistemas Donkers, Salus, Huastéte, Handel, Charlton) varrem a calçada e simultaneamente elevam, recolhem e transportam o produto da varredura. Outras são munidas de réguas ou raspadeiras de borracha, assegurando assim a limpeza completa dos pavimentos de asfalto e de madeira.

Não basta limpar as ruas: é preciso aglutinar a poeira, por meio de irrigação freqüente. Ao que diz o digno Sr. Prefeito, o Dr. Secretário da Agricultura está empenhado em fornecer à Municipalidade a provisão de água, que o serviço reclama. Uma vez confirmada essa esperança, convirá que se proveja a irrigação em jato das ruas centrais por meio de agulhetas, suficientemente espaçadas. Quanto ao tonéis de irrigação, os aparelhos de que dispõe a emprêsa atual estão muito aquém dos que são usados atualmente na Europa e na América do Norte.

Um jovem que acaba de ingressar na Prefeitura Municipal de São Paulo, aparteia:

Sr. Alcântara Machado, e o problema do lixo domiciliar?

O Vereador meneia a cabeça, num gesto que todos entendem e diz:

Mais difícil ainda é a questão da coleta e transporte do lixo domiciliar.

Muitas municipalidades americanas (Nova York, Boston, Philadelphia, etc), e algu-